

## CONCEPÇÕES, PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS NA PAISAGEM

### da paisagem estética à paisagem cultural

Jonathan Duarte da Silva<sup>1</sup>

Mestrando em Geografia  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

#### Resumo

Neste trabalho apresento as diferentes formas de interpretação e compreensão da paisagem, através de algumas áreas do conhecimento como a linguística, artes plásticas, arquitetura, ecologia e história, porém enfatizando a abordagem geográfica da paisagem que, por si só, é plural. Além de buscar uma reflexão acerca da transição de concepção, percepção e vivência da paisagem como um ambiente visual que proporciona uma beleza cênica, através de suas formas – paisagem estética – para uma leitura da paisagem enquanto um ambiente visual fruto da produção humana, dotada de forma e função – paisagem cultural. Os conteúdos, não apenas as formas, da paisagem passam a ser evidenciados, questionados, analisados cientificamente.

**Palavras-chave:** origens; paisagem; paisagem estética; paisagem cultural.

#### CONCEPTIONS, PERCEPTIONS AND LANDSCAPE EXPERIENCES: FROM THE AESTHETIC LANDSCAPE TO THE CULTURAL LANDSCAPE

#### Abstract

Throughout this paper I personally aim to present the different ways for interpreting, as well as understanding, the landscape through some areas such as linguistics, visual arts, architecture, ecology and history, however, emphasizing the geographic approach to landscape that, by itself, is richly plural. Furthermore, this work aims to build up a reflection concerning the transition of conception, perception and landscape experience as a visual environment that provides a scenic beauty, through its forms - aesthetic landscape - for a landscape understanding as a visual environment born from the human production, equipped with form and function - cultural landscape. The purport, not only the forms, of the landscape become evident, questioned, and also analyzed scientifically.

**Keywords:** origins; landscape; aesthetic landscape; cultural landscape.

<sup>1</sup> *Endereço institucional:*

Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.

*Endereço eletrônico:*

[jds@aluno.puc-rio.br](mailto:jds@aluno.puc-rio.br)

A palavra paisagem, ao longo do tempo histórico, ganhou diversos sentidos e significados pelas diferentes culturas do mundo. Porém, o que há de comum entre

todos eles é a apreensão da paisagem pela visão. Apesar de alguns estudos científicos provarem que se constrói a percepção da paisagem através de outros sentidos humanos (olfato, paladar, audição, tato), sem ser única e exclusivamente pela visão (BERTOLI, 2012).

No século XIX, o conceito de paisagem passou a ser central e, logo, objeto de estudo da Geografia, no mesmo período em que a mesma se instituiu enquanto disciplina acadêmica e ciência. Depois, a paisagem foi relegada a uma posição marginal, dando espaço a outros conceitos considerados mais adequados às necessidades contemporâneas, como os conceitos de região, território, espaço, dentre outros (HOLZER, 1999).

Atualmente, o conceito vem sendo retomado por alguns geógrafos, e novas abordagens vêm sendo inseridas na conceituação do termo paisagem. A ação humana no espaço, ao longo do tempo histórico, vem ganhando uma força grande nos estudos da paisagem geográfica. A paisagem, como representação do espaço vivido, vêm nos mostrando como que há diferentes intencionalidades e interesses, implícitos ou explícitos, na ação da sociedade sobre o meio. O espaço não é mais visto como um receptáculo, mas como produto, condição e meio da atividade humana. As paisagens expressam as relações múltiplas que as sociedades têm com o espaço e com a natureza (BERQUE, 1998).

O homem produz marcas na paisagem, deixando assim as suas heranças culturais que vão sendo (re)utilizadas, ao longo do tempo histórico, por diversos grupos sociais. Cada indivíduo ou coletivo humano irá resignificar as formas da paisagem de acordo com seus valores, crenças e mitos, dando assim, funções às formas. Para Berque (1998), “a paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação.”.

A própria definição do termo Geografia nos remete a ideia das marcas do homem na paisagem, em que *Geo* = terra e *grafia* = escrita, marca. Logo, a Geografia, enquanto ciência, seria o estudo das marcas do homem na terra. Essa definição do termo levou uma grande quantidade de geógrafos a estudar o espaço e as paisagens

da Terra levando em consideração as formas dadas pela natureza e as formas geradas pela apropriação cultural humana.

### **As origens do termo paisagem: construindo a noção de paisagem estética e projetando a paisagem cultural**

As diferentes formas que se apresentavam nos espaços despertaram o interesse humano de representar o que estavam vendo. Podemos observar isso nas pinturas rupestres em muitas cavernas presentes ao redor do mundo. Nessas pinturas, os primeiros hominídeos buscavam representar a vida cotidiana, ou seja, as descobertas, as relações familiares com o ambiente que os cercavam. Desde esse momento, percebe-se que a paisagem era um elemento fundamental para a apreensão da realidade e a pintura uma representação desse real que, entre formas e cores, os desenhos nas paredes das cavernas simbolizavam um instrumento de comunicação entre os diferentes grupos humanos. A paisagem sempre foi humana, cultural.

No que concerne ao termo “paisagem”, alguns linguistas têm trazido a sua contribuição. Sansolo (2007), ao consultar a obra de Foncelini em 1871, nos mostra que o termo refere-se a *pagos*, que significa um conjunto de vilas, uma parte de um todo, ou seja, uma divisão para fins político-administrativos.

A palavra “paisagem” em chinês tem o significado de montanha e água, já nas línguas neolatinas, no italiano a palavra *paisaggio* representa uma porção do território considerada de ordem estética ou artística. No francês, a palavra *paysage* refere-se a uma região, em especial os seus aspectos físicos. Na língua espanhola, “paisagem” seria uma porção do território em seus aspectos artísticos.

Um significado comum presente nas línguas refere-se à paisagem como espaços visíveis, ligados ao sentido da visão. “Nas línguas dos chamados países ocidentais a palavra paisagem refere-se à presença humana no contexto espacial, enquanto nas línguas orientais destacam-se os elementos da natureza ou à natureza percebida” (SANSOLO, 2007, p. 3).

A abordagem idiográfica<sup>1</sup> (GOMES, 2011) é presente nos significados encontrados na etimologia da palavra “paisagem”, pois expressa o caráter de singularidade dos lugares, seja por uma visão ocidental ou oriental do termo.

De acordo com Metzger (2001, p. 2), a primeira referência à palavra paisagem na literatura apareceu no *Livro dos Salmos*, escritos por volta de 1000 a.C. em hebraico:

No *Livro dos Salmos*, a paisagem refere-se à bela vista de Jerusalém, com os templos, castelos e palacetes do Rei Salomão. Essa noção inicial, visual e estética, foi adotada em seguida pela literatura e pelas artes em geral, principalmente pela pintura na segunda metade do século XVIII.

Na Idade Média, as paisagens possuem símbolos que atendiam a ideologia cristã, pois a igreja era quem tinha o poder hegemônico sobre as representações espaciais, como também da sociedade. Os seus símbolos e signos estavam presentes nas paisagens medievais. Ao final da Idade Média, a luz na pintura passa a ser o fator de união dos elementos da paisagem.

A observação do entorno vivido só viria a ocorrer a partir do Renascimento, entre os séculos XIV e XVI. Com as grandes viagens empreendidas pelos europeus ao redor do mundo, a consciência sobre os seus países e a observação de contrastes geográficos por meio da vivência em terras diferentes, ampliou-se muito as formas de se conceber e perceber as paisagens.

A pintura da paisagem no século XVI não tem uma importância apenas como pano de fundo histórico ou religioso, mas “deriva do amor à terra construída por uma luta dura na conquista de terras sobre o mar.” (SANSOLO, 2007, p. 6 e 7).

À noção de paisagem na modernidade faz dela essencialmente uma representação de ordem estética, cuja origem seria, antes de tudo, pictórica. As representações paisagísticas eram construídas essencialmente na e pela pintura.

No século XIX é que se dá a valorização da paisagem, no momento em que se concebe a separação entre o homem e a natureza. A natureza como força independente do homem.

---

<sup>1</sup> Os fenômenos variam de lugar a lugar e as suas inter-relações também variam. Os elementos possuem relações internas e externas à área. Uma análise singular (de um só lugar) e unitária (aprendendo vários elementos). Assim, obtêm-se um conhecimento bastante amplo de determinado local.

No Brasil, os modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922, através de suas artes, expressam o significado de “ser brasileiro” na pintura das paisagens rurais e urbanas brasileiras.

Para Sansolo (2007, p. 7), “o pintor, em qualquer época, insere na paisagem, ou naquilo que observa da história, o sentir e o refletir, produzindo uma representação da natureza associada a um sentimento ou a uma vontade”. A pintura da paisagem marca as fases da nossa concepção do espaço, socialmente construído. No quadro *Guernica* (fig. 1) de Pablo Picasso<sup>2</sup>, podemos perceber como o artista expressou os seus sentimentos e a realidade da cidade espanhola de Guernica em 1937:



**Figura 1:** “Guernica” – Um painel pintado por Pablo Picasso em 1937, representando o bombardeio sofrido pela cidade de Guernica por aviões alemães, apoiado pelo ditador Francisco Franco. Fonte: Grazioli (2011, p. 112-113).

A pintura da paisagem não é ela em si, mas a representa, e vai mais longe, representa à existência humana, o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, a relação imbricada da sociedade com a natureza, dentre outros aspectos. A preocupação em evidenciar o que acontecia na Espanha fez com que Picasso, através de sua pintura, mostrasse as relações sociais conflituosas que ocorriam naquele período na Europa. A relação do homem com a natureza não deixa de ser contemplada no quadro, percebemos nitidamente as representações dos animais em agonia junto com as pessoas. Um ar de desespero e sofrimento de ambas as partes, animais e pessoas, pairam sobre a tela, buscando representar a situação político-social de Guernica. A paisagem conta, sob fruição estética, uma história, ela desenvolve um sentido. O especta-

<sup>2</sup> Pablo Picasso foi um pintor espanhol, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo que passou a maior parte da sua vida adulta na França. Considerado um dos maiores e mais influentes artistas do século XX, é conhecido por ser o co-fundador do *cubismo*, ao lado de Georges Braque.

dor da pintura pode, assim, obter informações políticas, econômicas, sociais e culturais da cidade de Guernica. A paisagem expressa na pintura nos revela um mundo de interpretações e conhecimento.

Segundo Bertoli (2012, p. 14-15), a produção artística foi muito importante para a valorização e o reconhecimento da paisagem:

As condições e os efeitos da criação artística, enquanto produtora e indutora de uma sensibilidade, são a chave que deu condições à sociedade de chegar a seu estágio de percepção atual e tornar-se paisagística. [...] foi necessário primeiro a criação de um conjunto de representações que configuraram os elementos que sempre estiveram à disposição da visão dentro de um “esquema estético explicitamente paisagístico” para que a partir daí a paisagem fosse vista e reconhecida como tal.

A paisagem estética seria, então, o espaço abarcado pela visão humana, na qual as formas, os aspectos físicos da superfície da Terra, possuem maior importância que os aspectos funcionais. O ambiente com uma beleza cênica digna de representação artística, com suas geometrias e cores. A natureza é bastante evidenciada nessa forma de representar a paisagem, pois os seus elementos trazem bem-estar e beleza para a vida em sociedade, além de trazer a caracterização de um local, gerando, assim, padrões espaciais diferenciados.

O apreço que se tem pelas “belezas naturais” não ganha ares concretos na cultura ocidental antes do projeto lançado pelos naturalistas, sobretudo os pintores, que dominaram a representação artística do fim do século XIX e que propõem um olhar admirativo sobre o real. A conversão do real em imagem e da imagem em realidade. A sensibilidade cultural é educada e preparada pela arte. Se irá buscar na natureza aquilo que nos seduziu na arte.

Toda prática de paisagem é, em algum grau, um exercício estético. Um arcabouço de conhecimento de todas as ordens é resolvido para dar sentido e valor ao que se vê. O evidente não é, ou está evidente: ele pressupõe um esquema de construção. Segundo Bertoli (2012, p. 15), “uma motivação estética presume a existência de um pré-julgamento, uma noção do que é bom e do que é belo e do que se toma por suas antíteses”. O bom e o belo são relativos a quem os desvela e os transforma em valores que em primeira mão servem para conferir distinção. A percepção sensível do real é interligada às experiências que tivemos.

No que tange a Geografia, Alexander von Humboldt, um geo-botânico alemão do final século XIX, buscou estabelecer uma relação global entre as dinâmicas da natureza de cada lugar. Elaborou o conceito de fisionomia, na qual buscava compreender as diferentes formas que se distribuíam na superfície da Terra, sendo “animadas” pela vida humana da qual se pode extrair sentido.

No início do século XX, Paul Vidal de La Blache, geógrafo francês, busca trazer a noção de fisionomia de uma região, na qual trata-se de levar em conta, a característica do território considerado, isto é, aquilo que o especifica e o distingue entre todos os outros, e que é preciso compreender. Para La Blache, é necessário reconhecer, localizar, delimitar, tanto espacialmente como qualitativamente, a fim de reproduzir as paisagens (GOMES, 2011). Indica que a fisionomia é resultante da relação temporal entre os habitantes de uma região e seus recursos naturais.

Carl Sauer, geógrafo americano, em 1925 escreve a obra “A morfologia da paisagem”, na qual há uma ênfase na busca de compreender as paisagens como resultados da ação humana, dotadas de uma cultura, no meio natural, o qual estão inseridos (GOMES, 2011). Segundo Solórzano, Oliveira e Guedes-Bruni (2009, p. 52), “Sauer define a paisagem geográfica como uma forma da terra na qual não ocorre apenas uma modelagem física, mas sim uma associação desta aos processos culturais da sua transformação.”.

A Ecologia traz uma relevante contribuição para a categoria paisagem, na qual, a mesma, deixa de ser receptáculo/cenário/palco para ser fruto da ação de processos físico-ecológicos e humanos mutuamente. Carl Troll, biogeógrafo alemão, diferencia as paisagens segundo o grau de transformações promovidas pelo homem, em paisagens naturais e paisagens culturais.

### **A contribuição da Ecologia da Paisagem na formulação do conceito de paisagem**

A Ecologia da Paisagem é um campo do saber que teve dedicação dos geógrafos físicos e biólogos. A paisagem é considerada por esse grupo como se fosse um sinônimo de “espaço geográfico” ou área (SOUZA, 2013).

O ponto de partida da ecologia de paisagens é muito semelhante ao da ecologia de ecossistemas: a observação das inter-relações da biota (incluindo o homem) com o seu ambiente, formando um todo.

Essas diferentes abordagens de ecologia são diferenciadas por Metzger (2001, p. 2):

O ecólogo da paisagem tem uma preocupação maior em estudar a heterogeneidade espacial, o que contrasta com a visão do ecólogo de ecossistemas, que busca entender as interações de uma comunidade com o sistema abiótico num ambiente relativamente homogêneo.

De acordo com Metzger (2001, p. 2), Carl Troll (1971) empregou pela primeira vez o termo “ecologia de paisagens” em que “paisagem é a espacialidade, a heterogeneidade do espaço onde o homem habita.”, ou ainda “a entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem.”.

Percebe-se a necessidade de incluir o homem nos processos de formação e transformação da paisagem, porém ainda há muitas considerações a serem feitas no que tange a preocupação da Ecologia da Paisagem ao tentar inserir o homem em seus estudos.

A Ecologia de Paisagens possui duas abordagens a fim de compreender a paisagem, uma delas é a geográfica e a outra é ecológica.

A abordagem geográfica pode ser definida como “uma disciplina holística, integradora de ciências sociais, geo-físicas e biológicas, visando, em particular, a compreensão global da paisagem e o ordenamento territorial” e a abordagem ecológica “dá maior ênfase às paisagens naturais ou a unidades naturais da paisagem, à aplicação de conceitos da ecologia de paisagens para a conservação da diversidade biológica e ao manejo de recursos naturais” (METZGER, 2001, p. 3).

Uma grande contribuição da Ecologia de Paisagens é a noção de escala. Apesar, das duas abordagens não tratarem com plenitude o conceito de escala geográfica, contendo alguns equívocos analíticos, principalmente no que tange a escala da abordagem geográfica.

Para os ecólogos da paisagem, a escala utilizada na abordagem geográfica é a de macro-escala, a fim de dar conta do seu conceito abrangente de paisagem. A escala geográfica para esse grupo de pesquisadores se restringe ao aspecto da extensão territorial, ou seja, o espaço mensurável, o que há alguns anos, mais precisamente

desde os anos 1970, o conceito de espaço mensurável/euclidiano já foi superado pela geografia crítica e fenomenológica. Já a escala utilizada na abordagem ecológica dependerá da espécie ou da comunidade em estudo, podendo ser na micro ou na macro-escala a observação do pesquisador.

O conceito de paisagem proposto por Metzger (2001, p. 4) possui uma perspectiva integradora de paisagem, “um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação”. Essa noção de paisagem mostra uma tentativa de integrar aspectos humanos e físico-ecológicos. As unidades interativas mencionadas pelo autor podem significar desde ecossistemas a uso e cobertura do território. A falha de seu conceito é de achar que a heterogeneidade existe para pelo menos um fator, e na verdade é para mais de um.

Vale a pena ressaltar que um mesmo objeto, como exemplo um fragmento de floresta, estudado numa mesma escala, pode ser entendido como “comunidade”, “ecossistema” ou “paisagem”, dependendo da perspectiva do estudo e do pesquisador.

A Ecologia de Paisagens pode ser assim entendida como uma ecologia de interações espaciais entre as diferentes unidades da paisagem (METZGER, 2001, p. 5). A área nos apresenta dois grandes desafios, o primeiro deles é o de “estabelecer uma teoria de mosaicos, procurando entender como diferentes padrões de organização espacial de seus constituintes (as unidades da paisagem) influem sobre seu funcionamento”. O segundo desafio consiste no fato da Ecologia de Paisagens ser capaz de “entender e transpor as relações entre padrões e processos de um domínio de escala para outro” (METZGER, 2001, p. 7).

A perspectiva da Ecologia de Paisagens considera as interações espaciais entre unidades culturais e naturais, incluindo assim o homem no seu sistema de análise. Cada vez mais, a preocupação em entender as ações do homem na paisagem aumenta. Até que a perspectiva da paisagem cultural vem mostrar que o homem e a natureza estão em constante coação, um influencia o outro.

### **Paisagem cultural: a multidimensionalidade humana na paisagem**

Na década de 1970, surge como mais uma possibilidade de interpretação da paisagem, a História Ambiental e a Ecologia Histórica. A primeira foi impulsionada pelos historiadores e antropólogos na busca de compreender “os acontecimentos históricos que modificaram e, ao mesmo tempo, foram modificados pelo ambiente” (SOLÓRZANO; OLIVEIRA; GUEDES-BRUNI, 2009, p. 49). A segunda foi criada como um campo do saber elaborado pelos biólogos/naturalistas a fim de procurar “compreender os fenômenos e componentes ecológicos à luz dos processos históricos de transformação da paisagem” (SOLÓRZANO; OLIVEIRA; GUEDES-BRUNI, 2009, p. 49). O que difere uma área do saber de outra são os pontos de partida, porém ambas têm a preocupação de inserir os feitos humanos na paisagem, relacionando os processos naturais resultantes.

A História Ambiental trouxe como contribuição a interpretação da paisagem como um documento histórico, ou seja, uma fonte de dados e informação. O pesquisador, com isso, procura interpretar os fatos históricos a partir da realidade apresentada pela natureza.

A paisagem sendo sempre uma herança é uma percepção de Ab’Sáber (2003), na qual o autor traz duas abordagens: a primeira a paisagem como herança de processos de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente; e segunda a responsabilidade humana na utilização não-predatória dessa herança paisagística.

Para se compreender a paisagem, sob essa perspectiva, é necessário um olhar interdisciplinar, pois exige conhecimentos dos aspectos físico-biológicos, sócio-culturais e político-econômicos.

Existem três níveis apresentados por Worster (1991) no trabalho de Solórzano, Oliveira e Guedes-Bruni (2009, p. 51), a fim de compreender a paisagem sob o aspecto da integração homem-natureza na História Ambiental:

Primeiramente [...] o funcionamento e a organização da natureza, ou seja, a reconstrução de ambientes e de paisagens passadas. O segundo [...] abrange a relação do domínio socioeconômico com a natureza [...] refere-se às tecnologias de trabalho e exploração, modos de produção, instituições e relações sociais em geral. O terceiro [...] atém-se mais especificamente à percepção humana da natureza e, desta forma, ocupa-se dos valo-

res, leis, mitos e crenças religiosas de uma dada sociedade em relação à natureza.

Nesse processo de molde do homem pela natureza e a mesma sendo moldada pelo homem, a geografia histórica possui um papel fundamental na reconstituição espacial dos processos de ocupação de territórios. Territórios esses, compreendidos como um espaço delimitado e definido por e a partir de relações de poder, que são marcadas por diferentes grupos, exprimindo identidades e sentimentos de pertencimento a um dado espaço.

A relação do homem com o espaço envolve usos e trocas com a natureza. Logo, o meio físico é uma área utilizada, apropriada, por diversas populações em diferentes épocas.

Segundo Oliveira (2005, p. 228), “a cada uso superposto no tempo podem ser esperadas resultantes ecológicas distintas, de acordo com a transformação imposta pela implementação de cada território”. O uso do conceito de paleoterritório na análise histórica da paisagem surge da dificuldade de se estabelecer qual foi, exatamente, o processo de transformação provocado por usos sobrepostos. As marcas dos usos somam-se e dissipam o(s) uso(s) anterior(es). “[...] as resultantes ecológicas da utilização dos ecossistemas remeterão, de forma mais clara, ao último grande impacto [...], o último uso não é necessariamente o que fez maiores perturbações, mas é o que tem as marcas mais frescas e detectáveis” (SOLÓRZANO; OLIVEIRA; GUEDES-BRUNI, 2009, p. 54).

Os estudos da História Ambiental e da Ecologia Histórica se ocupam, além de outros aspectos, em determinar o tempo e o efeito de um uso de solo após o seu fim e como os usos anteriores afetam a diversidade de espécies. Como exemplo, a floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro teve, ao longo de séculos, diferentes atores sociais, desde os primeiros índios, passando pelos colonizadores europeus, até os moradores urbanos da cidade atual, que usaram essa natureza a fim de concretizar os seus desejos, dos mais individuais aos mais coletivos. Os índios usavam a floresta no intuito da caça-coleta, os europeus na plantação de café e os moradores atuais da cidade para caminhadas a pé ou de bicicleta pelas trilhas ou ruas pavimentadas, banhos de cachoeira e etc. Todos esses usos anteriores (paleoterritórios) e atuais deixaram e deixam marcas na paisagem, resultando processos ecológicos e sociais diversos.

Ainda usando a floresta da Tijuca como exemplo, podemos analisar o sentido cultural e simbólico que alguns grupos humanos dão a materialidade presente na floresta, como é o caso das figueiras, uma espécie de grande porte que representa um símbolo muito forte para algumas populações tradicionais. Na cultura judaico-cristã, a figueira, mais precisamente a *Ficus carica*, foi amaldiçoada por Cristo por não produzir frutos. Outra espécie de figueira é vista como a casa de Deus na natureza e, portanto, uma das moradas do sagrado na floresta. Na tradição afrodescendente brasileira, a figueira ocupa o lugar de uma espécie africana (*Clorophora excelsa*) não encontrada no Brasil para representar um deus-árvore: o *Iroko* (OLIVEIRA; ENGEMANN, 2011).

Essa dimensão imaterial dos territórios florestados se traduz em resultantes ecológicas concretas, evidencia as ações de manejo dos ecossistemas por parte de populações, ditas, tradicionais.

Na Nigéria, entre a etnia Ibo, se vê nas paisagens, propriedades rurais repletas de produção de inhame, pois o que tem valor como moeda de circulação, prestígio e símbolo de poder territorial e, até mesmo, matrimonial (pois o homem que não desse para a família da noiva uma grande quantidade de inhame, não era de uma família boa, de posses, produtiva, logo não poderia se casar) era o inhame. Com isso, vemos como uma raiz, um elemento natural/ uma materialidade concreta carrega um poder simbólico forte na cultura Ibo (ACHEBE, 2009)<sup>3</sup>.

As paisagens carregam vestígios que nos ajudam a (re)construí-las, como os vestígios da cultura material (vasos, ferramentas, construções) e os vestígios imateriais (histórias contadas pelas populações através da linguagem oral ou escrita, símbolos impregnados na cultura material).

A representação que se faz de algo é incorporada e depois movimentada para dar sentido à interpretação. Para Bertoli (2012, p. 11), “para que haja representação antes se faz necessário o enquadramento do representado, que, não distante, é limitado por aquilo que se é capaz de perceber”. É só através de um sujeito interpretante

---

<sup>3</sup> Chinua Achebe nasceu em Ogidi, na Nigéria, em 1930. Um dos mais respeitados escritores africanos da atualidade, é romancista, poeta e ensaísta. A obra “O mundo se despedaça”, de onde foi extraída a informação contida no texto, retrata a vida cotidiana na comunidade Ibo e os primeiros contatos - à colonização - britânicos, resignificando crenças e valores culturais.

que o mundo pode ser provido de sentido, o próprio meio físico não se reduz a um dado que existira em si, ele depende da mobilização de conceitos e impressões para ser enxergado como tal.

As representações da paisagem devem ser refletidas levando em consideração cada momento histórico, em cada contexto geográfico e nos marcos de cada imaginário específico.

Bertoli (2012, p. 10 e 11) ao contemplar a paisagem como *gênese e ampliação* simultaneamente, através das considerações de Berque (1995), diz que a *paisagem gênese* seria “cada experiência de paisagem é única e não pode ser repetida nem pelo mesmo observador uma segunda vez, pois é ligada a uma percepção que é continuamente resignificadas por outras nuances incorporadas na constância da vida” e a *paisagem ampliação* seria “a compreensão da paisagem depende da ativação de memórias diretas [...] e indiretas [...] que são captadas de um sem número de conhecimentos retidos”.

A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata de aprender a decifrar num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, além da fruição e da emoção. Há de se ler a paisagem com todos os seus conteúdos presentes, explícitos ou não. Há uma tentativa, de repensar a paisagem não mais num sentido estético, ou seja, de um conjunto de elementos fixos e estáticos, mas cultural, humano e dinâmico. A paisagem admite ser compreendida como um sistema de significado.

Para Souza (2013, p. 46), “a paisagem é uma forma, uma aparência. O conteúdo ‘por trás’ da paisagem pode estar em consonância ou em contradição com essa forma e com o que ela, por hábito ou ideologia, nos ‘sugere’”. Como exemplo, da contradição que uma paisagem pode sugerir, a vida bucólica que algumas populações ribeirinhas possuem pode sugerir que eles têm uma vida tranquila sem grandes preocupações e que extraem da natureza o seu próprio sustento, com suas técnicas aprendidas de geração em geração, porém, muitas vezes, essa paisagem esconde a real situação dessa população, ou seja, não está explícito na paisagem a ausência do poder público na região; a precariedade de sua vida cotidiana dentro de seu lar, e até fora dele; as doenças que esses povos podem vir a adquirir ou já ter incorporadas em

seus corpos. Esses sinais, na paisagem, estão implícitos, apenas um olhar mais apurado e crítico da paisagem, permite chegar a essas deduções, ou seja, das maneiras como essas populações vivem na paisagem.

As paisagens, muitas vezes, distorcem/ocultam a realidade. Para Souza (2013, p. 48), “o fato de ser uma forma, uma aparência, significa que é saudável ‘desconfiar’ da paisagem. É conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência”.

Geógrafos contemporâneos vêm investindo na discussão do conceito de paisagem e os seus usos sociais e interesses ideológicos que se expressam por meio das representações feitas por pintores, fotógrafos, arquitetos de uma dada época e em uma dada cultura, sob condições sociais determinadas.

A escala é um dos fatores cruciais na definição da paisagem, sendo a mesma, “um sistema dinâmico com estrutura espacial e que varia no tempo, onde a natureza se desenvolve em ritmos diferentes dos ritmos da vida humana organizada em sociedade” (SANSOLO, 2007, p. 10). A paisagem cultural é fruto de uma ação intensa da sociedade sobre a natureza.

A seleção de uma dada escala no processo de análise ocorre porque, naquela escala específica, certos padrões podem ser identificados e compreendidos, simultaneamente a compreensão sobre duração, intensidade e periodicidade das escalas temporais e espaciais. A escala da ação humana torna-se um fator preponderante na transformação da natureza e varia com o tempo, o espaço e a cultura.

Ao mencionar a importância da escala para a compreensão da paisagem, Souza (2013) nos chama à atenção para a noção de invisibilização de agentes e práticas. “A paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados.” (SOUZA, 2013, p. 57) Dependendo da variação de ângulo, aproximação ou afastamento, determinados elementos da paisagem não são evidenciados, ficando, assim, ocultos. Isso implica em uma intencionalidade ao se fazer um recorte espacial, privilegiando uma certa escala. Como exemplo, no bairro de Copacabana, os cartões-postais que mostram o bairro para o Brasil e para o mundo, não evidenciam as favelas que ocupam os morros da área. O recorte escalar e espacial apenas mostra o que se quer “vender” para os turistas, ou seja, as belezas naturais e os edifícios mo-

dermos (e alguns famosos, como o hotel Copacabana Palace) construídos na orla do bairro. Não é do interesse de muitos grupos públicos e privados mostrarem as desigualdades e contradições presentes em um espaço nobre da cidade do Rio de Janeiro.

Cosgrove (1998) menciona que a geografia humana se encaminha para a geografia humanística no início dos anos 1970, cujas mudanças de pesquisa estão relacionadas aos movimentos sociais da época. A paisagem sob essa perspectiva está ligada à cultura, à subjetividade nas formas de análise e a vida cotidiana repleta de significados.

Existem algumas implicações acerca do conceito de paisagem trazidas por Cosgrove (1998, p. 99), são elas:

- (i) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; (ii) unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; (iii) a ideia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo.

Essas considerações nos fazem ver que a paisagem para o autor é, resumidamente, as formas visíveis, uma unidade racional da natureza e composta de intervenção humana nas forças modeladoras do ambiente.

Para nos ajudar a elucidar o que venha a ser cultura, Cosgrove (1998, p. 101), nos apresenta um dos conceitos disponíveis, numa ampla gama de definições que esse termo possui no ramo da ciência. Logo, cultura é “um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano em particular, práticas que foram aprendidas e transmitidas através de gerações”. A reprodução de uma cultura só é feita através da prática constante da mesma, assegurando sua sobrevivência. Vale ressaltar, que essas práticas mudam com o passar do tempo, pois os seres humanos estão em constante contato com outros grupos humanos que, por sua vez, também possuem uma cultura específica. Trocas de traços culturais ocorrem em meio às relações sociais estabelecidas. A cultura está em transformação, se metamorfoseando ao longo dos tempos e dos espaços, de sociedade em sociedade.

A cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas. Qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura. Cosgrove (1998, p. 102 e 103), elucida essa afirmação dando o exemplo do tomate, em que:

O tomate, um objeto natural, é tirado do pé, é cortado e apresentado como alimento humano. O objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado. O significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza.

Com isso, todo objeto natural é passível de ser transformado em objeto cultural, para isso, basta à atribuição de significado, dando sentido, ao mesmo, num contexto social determinado. As paisagens “naturais” ou estéticas nada mais são do que paisagens culturais, pois somos nós, seres humanos, que atribuímos valor, significado, sentido, função aos objetos naturais, eles, por si só, não são capazes de fazê-lo, não são dotados de racionalidade.

De acordo com Cosgrove (1998) existe um método eficiente de interpretação da paisagem, consistindo em: 1) uma leitura detalhada da paisagem, incluindo trabalhos de campo para evidenciar as materialidades e imaterialidades locais; 2) elaboração e interpretação de mapas, buscando evidências no plano das representações espaciais; 3) sensibilidade histórica e contextual, resgatando informações e dados escritos e orais. Essa é uma proposta de se conceber e perceber a paisagem para o autor.

As paisagens da cultura dominante e as paisagens alternativas são considerações que Cosgrove (1998) traz para o debate, na qual as paisagens dominantes são representadas pelos grupos com poder sobre outros, controlam os meios de vida (matérias-primas, força de trabalho, capital, terra); e as paisagens alternativas são representadas pelas culturas menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa. Mas, por mais dominante localmente que possa ser uma cultura alternativa, ela continua subordinada à cultura nacional. Como exemplo, a cultura *hippie* pode ser dominante num local (praça, rua ou estabelecimento), mas não será comparada a cultura do país, pois o mesmo tem uma cultura oficial, além de carregar em si, também, uma enorme multiculturalidade, representativa de diversos grupos identitários.

Pensando na cultura oficial e formal presente nas paisagens da cultura dominante, historicamente consistente tem sido o uso de formas racionais, geométricas, no plano das cidades. A geometria euclidiana tem sido à base da forma urbana das

idades do mundo. Essa forma representa a razão humana, o poder do intelecto. Essa geometria está presente em alguns movimentos artísticos e arquitetônicos.

Os espaços geometricamente pensados expressam paisagens formais que irão influenciar diretamente no comportamento humano. Cosgrove (1998) ao mencionar a existência dos simbolismos nas paisagens, nos apresenta a organização do espaço, a seleção de plantas, o uso de cores e a maneira de manutenção de um parque inglês da era vitoriana. O parque possui um simbolismo moral de uma paisagem planejada pelos arquitetos da época que buscam moldar o comportamento daqueles que frequentam o parque, a “mensagem” que a arquitetura do parque passa é a de um comportamento decoroso e contido.

Existe uma relação bem íntima entre o espaço concreto e suas representações bem como, uma influência das representações na percepção do espaço concreto. De acordo com Bertoli (2012, p. 8), “o imaginário passou/passa a se reportar ao existente para projetar sobre ele um porvir desejado”.

A arquitetura tem um papel fundamental nos simbolismos da paisagem, transmitindo um conjunto de valores específicos para cada forma presente nela. Determinadas formas arquitetônicas expressam conteúdos diferentes, como exemplo, o Palácio de Buckingham, na Inglaterra, só a família real pode usufruir daquele espaço, enquanto a população e os turistas só podem admirar o ritual público e oficial feito pelo monarca britânico<sup>4</sup> (COSGROVE, 1998). Os guetos das periferias das cidades inglesas e americanas são frequentados e utilizados por minorias marginalizadas socialmente e politicamente. As paisagens incorporam e assimilam identidades.

Atualmente, há a existência das chamadas *paisagens virtuais*, nas quais se faz um simulacro de uma realidade futura, ou seja, uma projeção humana das futuras formas e funções da paisagem, a materialidade concreta, ou parte dela, ainda não existe, mas já é pensada, e com ela, a imaterialidade também. Como exemplo, po-

---

<sup>4</sup> O monarca, num coche, acompanhado por um cortejo da elite militar e civil, sai do Palácio de Buckingham, desde o Mall e através do Arco do Almirantado- por um portão aberto apenas para a passagem da Coroa- passa pela Trafalgar Square, com seus monumentos às vitórias militares britânicas, seguindo pelo Whitehall para o Parlamento. Assim, a Coroa e o Parlamento são unidos por meio da rota cerimonial, sendo a passagem marcada por um elaborado e impressionante ritual público.

demostro citar os empreendimentos corporativos das grandes redes de hotéis (figs. 2 e 3) da cidade do Rio de Janeiro.

Através dessa paisagem virtual, expressa na figura, podemos ver como se projetam novos modos de vida nesse espaço, onde cada vez mais o bairro da Barra da Tijuca é alvo de especulação do capital imobiliário, financeiro, turístico e etc. As virtualidades da paisagem são expressas nesses simulacros de hotéis e centro de convenções. Essas formas virtuais demandam grupos sociais específicos ou, pelo menos, pré-determinados por quem os projeta. Logo, temos empresários e turistas como os principais atores sociais usufruidores, como também, os funcionários que trabalharão direta e indiretamente na concretização do projeto e os que trabalharão após a realização do mesmo, como o pessoal da limpeza, os motoristas, os recepcionistas, coordenadores de eventos, dentre outros, ou seja, os que farão o fenômeno acontecer diariamente. Um feixe de relações sociais contrastantes e desiguais ocorre e ocorrerá no cotidiano desse espaço, hoje inexistente (o projeto corporativo), mas amanhã, realidade.



Figura 2: Projeto cooperativo da rede Windsor de hotéis no bairro da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro



**Figura 3: Projeto cooperativo da rede Windsor de hotéis no bairro da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro**

Ab'Sáber (2003), nos mostra que as paisagens possuem potencialidades, ou seja, características físicas e culturais que podem vir a ser bem aproveitadas pelo homem, em suas diversas atividades. Um bom entendimento das composições, dinâmicas e fenômenos da paisagem, garante um bom e detalhado planejamento e gestão do território. As paisagens possuem virtualidades que ainda não foram, intencionalmente ou não, totalmente exploradas pelo mente imaginativa do homem, sendo, assim, um rico campo de pesquisa, análise e vivência. Devemos viver intensamente as experiências que a pluralidade das paisagens nos proporciona, só temos a ganhar culturalmente.

### **Considerações finais**

O conceito de paisagem é polissêmico, apresentando diversas definições e abordagens, em função do contexto e da pessoa que a usa, possuindo potencialidades e limitações. A análise geográfica tem que ter como ponto de partida, a paisagem como uma dimensão do visível, a paisagem como o resultado, o efeito, ainda que indireto e complexo, de uma produção humana.

A percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior. O geógrafo deve buscar ultrapassar esta exterioridade, para captar ao máximo a totalidade da paisa-

gem ou, ao menos, tê-la como horizonte de pesquisa. É preciso olhar, é preciso “ir ver” (ir a campo), é preciso saber ver os significados que podem ser captados na paisagem.

As paisagens refletem as mudanças temporais de elementos resultantes de processos de diversas escalas (histórica, biológica, geológica, astronômica), possuindo dimensões perceptíveis e outras não acessíveis à percepção imediata.

A arte e a ciência não se distinguem enquanto produtoras e reprodutoras de esquemas de representação e significação. Aparecem como graus de um mesmo processo de conhecimento, isto é, como modalidades de apreensão do real.

A Ecologia da Paisagem, a História Ambiental e a Ecologia Histórica buscam uma integração dos fenômenos sociais e naturais, em uma coação/coevolução, na interpretação, formação e transformação da paisagem. A História Ambiental e a Ecologia Histórica contribuem na extração de dados e informações acerca da história das sociedades e suas relações com a natureza. Compreender os processos históricos e ecológicos do passado nos permite planejar e gerir os espaços e a natureza do presente, nos dando um arcabouço rico para entender os acontecimentos da paisagem.

Na investigação teórica da paisagem enquanto espaço vivido, a paisagem é um depósito de história, um produto da relação entre indivíduos e da realidade material com a qual nos confrontamos. É “preciso situar-se o nível perceptível a ser abordado, constituído da experiência cognitiva da paisagem a ser estudada a partir da intencionalidade; e de nossos constructos” (HOLZER, 1999). A geografia humanista oferece o estudo das ações que estão presentes na vida cotidiana, os hábitos e os gostos subjetivos. Para Cosgrove (1998, p. 121), uma educação humanista comporta um “melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos”.

A paisagem para Bertoli (2012, p. 20), “pode ser o que é: coexistência entre as projeções da nossa consciência e o que simplistamente está aí, mas destituído de propósito sem o nosso olhar”. A paisagem pode ser lida como um texto, na qual cada subtítulo corresponde a uma dimensão do real (jurídico-político, econômica, social, cultural, natural), na qual devemos ficar atentos nas mensagens subliminares que

cada expressão do texto cultural da paisagem nos sugere, representando ideologias e comportamentos diferentes.

Ainda há uma busca, constante entre os geógrafos, por uma metodologia científica para o estudo da paisagem como uma categoria de análise. As reflexões sobre a paisagem tiveram como principal fonte de interesse revalorizar esse conceito-chave da Geografia, buscando expor algumas de suas características objetivas e o grau de subjetividade inerente o que confere a esse conceito uma importância fundamental para o conhecimento e a intervenção sobre a realidade complexa em que vivemos.

### Referências

- AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo (SP): Ateliê Editorial, 2003.
- ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2009.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1998. p. 84-91.
- BERTOLI, Daiane. Da paisagem da imagem à imagem da paisagem e vice-versa. **Geosul**, Florianópolis (SC), v. 27, n. 53, p. 7-22, jan.-jun. 2012.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1998. p. 92-123.
- GOMES, Paulo da Cesar da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2011.
- GRAZIOLI, Elio. **Picasso**. São Paulo (SP): Abril, 2011.
- HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 149-168.
- METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? **Biota Neotropica**, Campinas (SP), SP, v. 1, n. 1/2, p. 1-9, 2001.
- OLIVEIRA, Rogério R. de. O futuro nas marcas do passado. In: OLIVEIRA, Rogério R. de (Ed.). **As marcas do homem na floresta**: história ambiental de um trecho urbano de Mata Atlântica. Rio de Janeiro (RJ): PUC-Rio, 2005.
- OLIVEIRA, Rogério R. de; ENGEMANN, Carlos. História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na floresta atlântica do sudeste brasileiro. **Esboços**, Florianópolis (SC), v. 18, n. 25, p. 9-31, ago. 2011.

SANSOLO, Denis G. Significados da paisagem como categoria de análise geográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 7. **Anais...** Niterói (RJ): UFF, 2007. sem paginação.

SOLÓRZANO, Alexandro; OLIVEIRA, Rogério R. de; GUEDES-BRUNI, Rejan R. Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Ambiente & Sociedade**, Campinas (SP), v. 12, n. 1, p. 49-66, jan.-jul. 2009.

SOUZA, Marcelo L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2013.

Recebido em 8 set. 2015;

Aceito em 11 set. 2016.